



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Editora Scipione, 2001.
- CONDEMARÍN, Mabel; ALLIENDE, Felipe. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Artmed, 2005.
- CONDEMARÍN, Mabel. **O Programa de Leitura Silenciosa Contínua**. São Paulo: Editora Artmed, 2005.
- COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Editora Vozes, 1995.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática** Editora Ática, São Paulo, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Importância do Ato de Ler**: em três artigos que completam. São Paulo, Autores Associados, Cortez Editora, 1989.
- JOLIBERT, Josette; SRAIKI, Christine. **Caminhos para aprender a ler e escrever**. São Paulo, Contexto, 2008.
- LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo, Editora Contexto, 2007.
- MALUF, Maria Regina (org.) **Metalinguagem e aquisição da escrita: Contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.
- SENNA, Luiz Antonio Gomes. **O perfil do leitor Contemporâneo**. Anais do I Seminário Internacional de Educação, Cianorte, Paraná, Brasil, Setembro, 2001.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- Portal Dia-a-dia Educação. Última consulta em 25/09/2009. Nova escola Editora Abril, Agosto 2006, p. 31. Disponível em <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=298>

EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO DA MATEMÁTICA EM UMA TURMA DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA EMEIF PE. FÉLICE PISTONI

Katycuscia Mota Viana

Introdução

Este trabalho visa descrever a experiência de Estágio Supervisionado ocorrida no 2º semestre de 2007 na Escola de Ensino Infantil e Fundamental Padre Félice Pistoni localizada no bairro Montese em Fortaleza/Ceará, assim como realizar reflexões sobre a prática docente. Ministramos em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, com cerca de 15 alunos frequentando, a disciplina de Matemática, sendo de início um grande desafio para nós, no entanto, atendendo à demanda da Escola anfitriã, aceitamos a missão de fazer com que aquele público alvo, formado de Jovens e Adultos, pudesse ter uma experiência diferenciada de aprendizagem dessa ciência um tanto quanto temida.

Pelo primeiro contato pudemos observar um grande déficit de aprendizagem, tendo em vista a turma que pertenciam (6º ano) e o nível que espera-se a partir dessa realidade. Os alunos, em sua maioria, não se mostraram familiarizados com a disciplina, e nem terem adquirido o domínio básico da linguagem matemática.

Primeiramente, faremos uma breve descrição das características da escola; da nossa experiência docente, envolvendo planejamento, execução e avaliação. Em seguida será feita uma análise da relação dos textos e a realidade vivenciada no estágio; uma reflexão sobre os desafios da prática docente e nossas considerações finais.



Metodologia

O presente trabalho foi baseado em um estudo de caso que se justifica por se tratar de uma instância particular, estudo descritivo e observação participante. Segundo Bogdam e Biklen (1994), consiste na observação de um contexto, podendo envolver a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Características Da Escola

A Escola Padre Félice Pistoni possui uma estrutura diferenciada. No primeiro dia do Estágio observamos de um modo geral que a escola é bastante grande, tem boa pintura, com portaria e pátio mediano. Possui também uma área para brincadeiras das crianças da Educação Infantil, cozinha grande, bebedouro, salas de apoio (secretaria, diretoria etc.), 6 salas de aula, auditório, quadra de esportes, laboratório de informática educativa e sala de leitura. Todos com boas estruturas, inclusive com televisão em cada sala de aula.

Experiência Docente: Planejamento/ Execução E Avaliação

Consideramos que o conteúdo e procedimentos utilizados no processo de ensino são indicadores que, mais expressivamente, sinalizam a finalidade e os objetivos orientadores do trabalho efetivado pelos professores. Quando o professor planeja e executa o ensino precisa ter um conhecimento próximo dos sujeitos e de suas reais condições para poder delinear o “que fazer pedagógico”. Cabe ao professor identificar que princípios estão orientando a sua prática e as prováveis con-

seqüências para o aluno. O ato de educar e ensinar pressupõe, ademais, uma postura política, de modo a tornar impraticável uma pretensa neutralidade.

A partir da orientação da Professora, e da observação que fizemos nos primeiros contatos com a turma, percebemos que os alunos gostavam de uma aula bem prática, com bastantes exercícios, e que eles sentiam necessidade de “mãos a obra”. Assim, observando o ritmo da turma elaboramos planejamentos de forma que os assuntos de Matemática fossem apresentados de forma simples, com exercícios de fixação do conteúdo, materiais concretos dentre outros, sempre partindo do conhecimento prévio dos alunos quanto ao conteúdo abordado e trazendo sempre à tona as realidades deles. O planejamento era realizado no dias de quarta-feira e sexta-feira, numa sala que nos foi cedida pela direção da escola, para o planejamento de toda a turma de estágio. As idéias eram colocadas em discussão, e buscávamos um consenso, sempre visando a melhor maneira de garantir a aprendizagem dos alunos e, ao mesmo tempo, tentando inovar para que o conhecimento matemático pudesse ser adquirido pelos alunos de forma mais prazerosa possível. Ao final de cada planejamento, sempre na medida do possível, a Professora analisava nosso plano de aula, fazia sugestões, a fim de que nosso planejamento fosse de encontro às necessidades e particularidades da turma.

Na segunda-feira, dia de regência, todas nós tínhamos nossa experiência de docência. Fazíamos isso de forma bem cautelosa, para que os alunos não sentissem uma quebra da aula nos momentos que alternávamos durante a explicação ou resolução dos exercícios. As aulas eram dadas, tendo em um primeiro momento, questionamentos sobre o assunto a ser dado, e em seguida a exposição do conteúdo, seguida da explicação e resolução do exercício, que geralmente era passado na forma de TDs. Durante a resolução das atividades, nos dividíamos em grupos a fim de dar suporte a auxiliar nas dúvidas que



os alunos manifestavam. E quando percebíamos que uma dificuldade se repetia nos grupos, nos comunicávamos, e fazíamos as explicações referentes às dúvidas remanescentes. E somente depois de esclarecidas as possíveis dificuldades, retornávamos aos grupos para a continuação da resolução dos exercícios. Dentro dos grupos buscávamos despertar o interesse de cada aluno, pois percebíamos que eles mostravam apatia pela disciplina, porque não conseguiam entender o que era dado. E essa percepção foi muito positiva e enriquecedora, pois à medida que conseguiam realizar uma atividade, e com o reforço e estímulo que passávamos, era visível a evolução e o interesse da turma, até mesmo daqueles que se mostravam mais dispersos e com extremas dificuldades.

No momento em que os alunos recuperavam sua auto-estima, autonomia, procurávamos sempre enfatizar que o conhecimento matemático faz parte e está vinculado de várias formas a situações de nossa vida. A turma deveria após o entendimento de cada conteúdo dar significado ao que foi aprendido.

Durante a resolução dos exercícios, quando víamos os alunos contando nos dedos para resolver operações simples até mesmo de soma de números pequenos, mostramos a necessidade do conhecimento da tabuada. Não como algo a ser memorizado, mas como uma ferramenta a ser compreendida e utilizada a fim de ajudá-los. Mostramos que a tabuada envolve a memorização e que o exercício de utilizá-la frequentemente, levaria a um domínio desse conhecimento de modo que posteriormente, eles nem precisariam mais consultá-la. E isso seria extremamente importante na relação deles com o conhecimento matemático, no próprio cotidiano deles.

Com relação à avaliação da aprendizagem dos alunos, ela ocorreu de forma contínua, levando em conta os avanços de cada aluno, que eram muito visíveis, pois eles mostravam grande satisfação por aprender e demonstravam isso.



A nossa avaliação, feita por eles no último dia de regência, foi a melhor possível. Uma aluna disse que era como se nós tivéssemos uma “varinha de condão” e como num passe de mágica eles comessem a aprender. Outra aluna, que dizia insistentemente e sempre odiar matemática, nos falou que a matemática era boa, ela que antes não conseguia aprender. O retorno de todos foi positivo, o que nos deixou satisfeita do trabalho realizado com dedicação, mas com a certeza e a vontade de melhorar sempre mais.

Da Relação dos Textos e a Realidade Vivenciada no Estágio

A visão que se têm a respeito da educação pública no Brasil nos faz criar diversos “pré-conceitos” antes de estarmos inseridos dentro de uma escola governamental, desde a estrutura física da instituição até a dinâmica da sala de aula. A regra geral são escolas sucateadas, sem estruturas mínimas de funcionamento, com paredes riscadas, cadeiras quebradas, salas quentes e sujas etc, etc, etc.

Sabemos que o nosso maior objetivo não era o de verificar a estrutura física da Escola, mas a despeito disso, o foco seria concentrado no papel desta como Instituição propagadora dos conhecimentos acumulados durante a história da humanidade e, além disto, formadora indiscutível de cidadãos sejam eles questionadores ou receptores das ideologias advindas do Sistema atual e dominante. Essa questão é de suma importância dado o público alvo atendido pela Escola no turno da noite, formado por alunos muitas vezes marginalizados e alienados no que diz respeito à consciência política e de seus deveres. O papel da Escola seria justamente o de promover mudanças a partir da sala de aula, onde o Professor exerce um papel importante para o favorecimento tanto dos conhecimentos básicos quanto de questionamentos sérios a respeito de assuntos dos quais os



alunos têm conhecimento, no entanto, não sabem expressar. É como nos diz Mészáros (2005),

“É por isso que hoje o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa-de-força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados, e que tenham o mesmo espírito.” (p.35).

O contínuo processo de segregação da sociedade trouxe um quadro de extrema marginalização de determinadas classes sociais. Diante de alguns padrões de competências estabelecidos, o homem vive num constante momento de ajustes. Encontramo-nos na era da informação e, para tanto, exige-se que os cidadãos sejam letrados. O padrão pressupõe pessoas capacitadas para processar diversos tipos de saberes. As oportunidades no campo do trabalho surgem para quem se enquadra nesses requisitos e quem não se enquadra fica sujeito à exclusão.

Diante do quadro de exclusão na sociedade surgiu a necessidade de promover a inclusão. A inclusão social consiste num processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir em seus sistemas sociais os cidadãos que foram excluídos, ou seja, privados de alguns de seus direitos (SASSAKI, 1997, p.41). A educação é uma das principais ferramentas para trabalhar a inserção do indivíduo na sociedade. Através da capacidade de ler, interpretar, escrever e produzir, o homem apodera-se do conhecimento e, ao recriá-lo, faz dele instrumento de transformação sua e da comunidade a qual pertence. A aquisição de novos conceitos e o exercício da reflexão capacita o indivíduo para analisar criticamente os fatos a sua volta e também dá suporte para que ele participe ativamente da sociedade e pratique a cidadania. Por isso o acesso à educação deve ser direito de todos.

Contudo, existem pessoas que, por motivos diversos, não puderam se alfabetizar efetivamente. Para atender a essa demanda foi criada a Educação para Jovens e Adultos (EJA), que estabelece o ensino para jovens fora da faixa de idade escolar e para adultos que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar anteriormente. Um dos objetivos principais da EJA é promover, através da educação, a inclusão desses homens e mulheres nos seus contextos sociais, a qualificação permanente e não suplementar, mas fundamentais e que favoreçam a emancipação.

O mundo moderno, de forma cada vez mais acelerada, cria métodos novos de produção, exigindo conseqüentemente trabalhadores com mais competência no trato com a tecnologia sempre mais avançada. Numa sociedade como a nossa que, busca apropriar-se do desenvolvimento tecnológico, o raciocínio lógico é exigido, imposto, cada vez mais. Desse modo, a matemática torna-se um indispensável instrumento para o desenvolvimento desse raciocínio lógico.

A pesquisa do INAF – Indicador Nacional de Alfabetismo Fundamental – realizado pelo Instituto Paulo Montenegro do Ibope, com a ONG Ação educativa, adequaram o conceito de analfabetismo em matemática às pessoas que demonstram não dominar nem sequer as habilidades em matemáticas mais simples e básicas, como ler o preço de um produto ou anotar e reconhecer um número telefônico ditado por outra pessoa.

Porém, não basta ser alfabetizado em matemática, é indispensável que se seja letrado matematicamente. E, estar letrado matematicamente é, além de possuir habilidades e técnicas individuais para desenvolver determinados cálculos, sobretudo, cultivar e exercer práticas sociais relacionadas ao uso e ao domínio de conceitos matemáticos que fazem parte do contexto social no qual vivemos.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, é necessário que a escola assuma uma função reparadora de uma realidade injusta, que não deu



oportunidade nem direito à escolarização a muitas pessoas. Para tanto, é indispensável um modelo de escola que crie situações pedagógicas para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos, pois sabemos que há diferenças básicas em relação ao processo de aprendizagem existente destes e crianças.

No caso da nossa experiência em sala de aula e da disciplina ministrada por nós, podemos perceber essas peculiaridades entre os educandos de séries iniciais e os da Educação de Jovens e Adultos que precisam ser levados em consideração quando se trata em aprender matemática, entre elas são: as experiências de vida, a maturidade, o nível intelectual e prioridades nas necessidades.

De acordo com Kamii (1995) o número não é ensinável, é uma relação criada mentalmente por cada indivíduo onde o conhecimento lógico-matemático consiste na coordenação de relações já estabelecidas anteriormente e progride conforme estabelece relações em novas situações. Assim, é preciso oportunizar, aos jovens e adultos, situações para que expressem seus conhecimentos acerca dos números e construam hipóteses para que percebam a lógica da seqüência numérica de sua escrita e representação.

À medida, em que os jovens e adultos são questionados, por exemplo, precisam desenvolver uma explicação verbal que oportunizará ao professor compreender as estratégias e os conhecimentos que usam para resolver os problemas e, permitindo que comecem a perceber regularidades, que ampliem seus conhecimentos e desse modo possam aprimorá-los para aplicar em outras situações.

Recursos didáticos como, utilização de material concreto promove um ambiente “matematizador” possibilitando que o aluno estabeleça relações, as quais muitas vezes nos surpreendem. É necessário também, que o professor procure adaptar os conteúdos à necessidade e à realidade dos jovens e adultos



para não infantilizar o ensino e nem torná-lo desinteressante. Trabalhar o orçamento doméstico é importante e necessário, significa aprender a organizar receita e despesa, determinar critérios de escolhas de bens de consumo e realizar pesquisas de custos e formas de pagamentos.

É importante que seja diagnosticado o universo numérico no qual está inserido o jovem e o adulto e para tal, o professor deve promover situações que exigem análises como exemplo, dados estatísticos e gráficos simples encontrados em jornais e revistas, numeração das ruas, leitura da conta de luz, enfim, dados ou informações nas quais aparecem números. É preciso ser criativo e usar de recursos, tais como oportunizar situações-problema, que instigam o aluno à reflexão e à busca de soluções. O professor precisa ter sempre o seu objetivo que deve ser sempre promover qualidade.

Reflexão sobre os Desafios da Prática Docente

Entendemos o ensino como um “trabalho ‘inteiro’, pois o ato de ensinar, mesmo sendo composto por atividades diversas e podendo ser decomposto metodologicamente, só pode ser desenvolvido em sua totalidade” (PIMENTA, 1999: 42). Como professores podemos “desenvolver a atividade profissional sem nos colocar o sentido profundo das experiências que propomos e podemos nos deixar levar pela inércia ou pela tradição” (ZABALA, 1998, p. 28). Este entendimento nos remete à necessidade de clareza que nós professores precisamos ter da significância e das relações tanto explícitas como implícitas ao processo de ensino, uma vez que a postura docente incidirá na formação discente. Essa situação requer, por parte do profissional de ensino, discernimento sócio-político-ideológico-pedagógico para a efetivação de uma práxis transformadora, se esse for o objetivo maior do seu trabalho.

Existe uma grande importância para os estudantes do curso de Pedagogia em participar de uma experiência de Está-



gio, pois é um momento onde tentamos colocar em prática tudo o que aprendemos durante anos na Academia, tendo em vista que para muitos desses estudantes, o Estágio Supervisionado é uma primeira experiência em sala de aula.

O Estágio é também um momento de pesquisa, no qual podemos observar diversos fatores que influenciam a dinâmica da Educação, assim como desenvolver uma reflexão a respeito da realidade do ensino público na maioria das escolas, passando pela realidade sócio-econômica dos alunos e formação dos professores.

Enfim, todos os alunos concludentes de um curso superior anseiam pelo momento em que poderão atuar no campo de trabalho. A relevância do Estágio para nossos estudos se dá em promover essa atuação, cabendo a nós tentarmos fazer a diferença no trabalho que nos foi dado a realizar. No nosso caso, podemos conviver com alunos de escola pública, especificamente alunos oriundos da Educação de Jovens e Adultos os quais fazem parte de um grupo muito específico e com necessidades educacionais bastante direcionadas.

Considerações Finais

Concluimos a regência com um senso de dever cumprido. Acreditamos que fizemos o nosso melhor, planejamos nossas aulas com esmero e dedicação, pensando sempre em uma forma que os alunos pudessem aprender. Independente do descrédito dado a eles quanto a seu nível baixo de aprendizagem, tentamos fazer o nosso papel de professoras para que eles aprendessem.

Fizemos no final uma avaliação onde muitos puderam dizer que aprenderam mais sobre Matemática.

Enfim, durante a nossa prática de docência tentamos avançar na prática docente ao elegermos conteúdos que puderam contribuir com a construção de novos valores e atitudes, utilizando, reciprocamente, procedimentos que favorecessem



o alcance dos objetivos propostos. Com isso, queremos dizer que não é apenas o conteúdo que irá garantir a qualidade do ensino-aprendizagem. Concomitantemente, o procedimento utilizado deverá atender à construção do conhecimento ou ser ele próprio o objeto de conhecimento, porquanto a relevância de percebermos a unidade entre os elementos que constituem o processo de ensino.

Referências

- MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- SANTOS, Raimundo dos. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro, WVA, 1997.
- TAVARES, Carmen Ivette Scholl. *A alfabetização Matemática na Educação de Jovens e Adultos: Estudo de um Projeto*. Belo Horizonte. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2007.
- DIRETRIZES PARA POLÍTICAS. Educação de Jovens e Adultos no Ceará. Governo do Estado do Ceará.
- KAMII, Constance. *A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos*. Campinas: Papirus, 1995. [Tradução: Reina de Assis]
- PIMENTA, Selma. G. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.